



A (re) elaboração da imagem do bairro Pantanal ou Planalto Ayrton Senna pela perspectiva dos moradores e do projeto de vídeo popular da TV Janela¹

Robson da Silva BRAGA²

Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE

Resumo

Este trabalho compara os discursos construídos sobre a comunidade do Pantanal (ou Planalto Ayrton Senna, na periferia sul de Fortaleza - CE) pelos próprios moradores do local e pelo projeto de audiovisual da TV Janela. Os vídeos do projeto são desenvolvidos no bairro pela ONG Instituto de Desenvolvimento Social (IDS) e mostram aspectos positivos da comunidade, em contraposição ao imaginário de violência e miséria construído pela mídia convencional. A TV Janela pretende melhorar a auto-estima das pessoas que assistem aos vídeos em telão montado na rua. No exame de quatro vídeos do projeto e de dois grupos focais feitos com moradores, utilizamos análise de discurso e verificamos a identidade cultural da comunidade e quais aspectos dessa identidade são retratados, reforçados ou omitidos pelos vídeos do projeto.

Palavras-chave

Comunidade; identidade cultural; vídeo popular

1. Um cenário chamado Pantanal ou Planalto Ayrton Senna

Antes de falarmos sobre nosso objeto de estudo, a TV Janela (projeto de audiovisual da ONG Instituto de Desenvolvimento Social - IDS), precisamos entender em que contexto esse projeto surgiu e por quê. As personagens apresentadas pelos vídeos da TV Janela moram na periferia sul de Fortaleza, capital do Ceará. É a comunidade do Pantanal (ou Planalto Ayrton Senna) que mostra uma feição feliz nos vídeos, uma feição nada semelhante ao aspecto miserável e marginal construído historicamente pela maioria dos programas policiais dos meios convencionais da cidade.

¹ Trabalho desenvolvido com apoio financeiro da Fundação W. K. Kellogg e da Agência de Notícias dos Direitos da Infância (ANDI) e apresentado no GT – Mediações e Interfaces Comunicacionais, do Inovcom, evento componente do X Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste.

² Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará (UFC) e bolsista da Funcap (Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico). E-mail: robsonsilvabraga2@gmail.com



Pantanal e Planalto Ayrton Senna nomeiam o mesmo bairro, situado na divisa com o município de Maracanaú. Uma comunidade que surgiu a partir de uma ocupação de terras devolutas em 1990 e que já contava com 30.106 habitantes em 2000³. Famílias do interior do Ceará, frutos do êxodo-rural, e de outros bairros de Fortaleza ocuparam o espaço que logo foi denominado de Pantanal.

Nessa época, os moradores do local enfrentaram diversos conflitos com o Estado, devido à ocupação de terras privadas e ao descaso do poder público, já que o local ficou, durante alguns anos, desprovido de saneamento básico, água, pavimentação e energia pública. Com o objetivo de lutar contra esses problemas sociais e econômicos, um grupo de moradores se reuniu e formou a União dos Moradores do Pantanal (UMP), em 1991.

A gente começou a associação, aí fomos trabalhar, fomos lutar pela energia, fomos lutar pela linha de ônibus, por água, aí daí por diante [...] A gente botou três ônibus pirata [sic] aqui dentro, pra poder se manifestar contra as empresas [de ônibus], pras empresas poderem dar [as linhas de ônibus]. Quando esses ônibus [piratas] passaram 15 dias aqui, aí a empresa Fortaleza se manifestou, aí que ficou a linha. (Bárbara Sousa, sócio-fundadora e atual presidenta da UMP).

Em novembro de 1993, dois homens sobre uma moto assassinaram três adolescentes na região próxima à comunidade. O episódio ficou conhecido nos meios de comunicação de massa de Fortaleza como Chacina do Pantanal e maculou o bairro com os estigmas da violência e miséria. O Barra Pesada (da TV Jangadeiro, à época filiada à Rede Bandeirantes) e o Aqui Agora (da TV Cidade, à época filiada ao SBT) são exemplos de programas policiais que exploraram exaustivamente a criminalidade e a pobreza do bairro, contribuindo, assim, para a construção de uma imagem negativa do Pantanal.

A favela do Pantanal, no Conjunto José Walter, onde a insegurança é constante, viveu ontem, logo aos primeiros minutos da madrugada, um clima de medo e pavor, com a execução sumária de três menores, acusados de pertencerem a gangues que aterrorizam as famílias ali residentes (trecho de matéria do Jornal Diário do Nordeste de 21 de novembro de 1993, caderno de Polícia, p.28).

³ Dados do Censo 2000 (o mais recente), organizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). À época do Censo, os 25 setores (termo utilizado pelo IBGE para designar um conjunto de cerca de 300 residências) que hoje constituem a comunidade faziam parte de um outro bairro vizinho, o Mondubim. O Pantanal somou-se a outras sete comunidades (Arvoredo, Renascer, Ipaumirim, Liro do Vale, Cidade Nova, Sítio Córrego e Novo Mondubim) e foram reconhecidas como bairro oficialmente em 2003, pela lei municipal nº 8.699. Antes, o Pantanal era conhecido na cidade, devido ao reforço midiático, como “favela do Pantanal”.



Após sete anos da Chacina do Pantanal, em março de 2001, um grupo comunitário se reuniu para organizar um “plebiscito popular” no bairro. O objetivo era eleger um novo nome para o local, a fim de desvincular a comunidade do episódio da Chacina e dos estigmas da violência e pobreza. A intenção era apresentar a nova denominação à Câmara Municipal como forma de pressionar os vereadores a oficializarem o bairro através de lei municipal. Como a UMP se recusou a dar apoio à mobilização, foi fundada a Associação Comunitária para o Desenvolvimento Humano e Social (Acodehs).

Tinha que haver mudança, alguém tinha que se manifestar. Fui aos antigos diretores da UMP, na época, me negaram um apoio. “Não, porque a população tava muito bem, obrigado, não precisava disso”. Aí eu disse: “Rapaz, vamo [sic] fazer uma consulta, o povo tem que ser consultado pra saber se ele quer continuar nisso”. Além de não existir oficialmente, você estava tachado como mais uma favela. (Adalberto Ribeiro, presidente da Acodehs).

Após a consulta popular (2001) e a oficialização do bairro Planalto Ayrton Senna (lei municipal 8.699/03), as disputas se acirraram. Uma matéria do jornal Diário do Nordeste, de 20 de junho de 2003, noticiava: “As comunidades que hoje formam o novo bairro Planalto Airton [sic] Senna [...] vivenciaram um domingo de impasse, entre festejos e cortejos fúnebres, caracterizando respectivamente, posturas a favor e contra, à nova identidade da área”. A “perda da identidade e da história” foi a justificativa para o enterro simbólico realizado pela UMP, durante o festejo organizado pela Acodehs.

2. Comunidade e identidade cultural

Um conceito importante para o delineamento deste trabalho é o de comunidade. Faz-se necessário perceber um possível sentimento de pertencimento ao local; e compreender se esse campo de interação entre sujeitos ultrapassa a condição de união física e alcança um “entendimento compartilhado” acerca do espaço em que eles vivem.

Obviamente, não iremos considerar o Pantanal como uma comunidade em seu sentido mais original, que remete ao período pré-capitalista, anterior ao processo de globalização. O conceito de comunidade, em seu sentido mais puro, está associado às



“aldeias” não consideradas “globais”⁴; o que não seria o caso da comunidade do Pantanal, que está imersa em um contexto moderno de metrópole.

Max Weber (2002: 77), um dos mais importantes pensadores da sociologia clássica, considera comunidade “uma relação social na medida em que a orientação da ação social – seja no caso individual, na média ou no tipo ideal – baseia-se em um sentido de solidariedade: o resultado de ligações emocionais ou tradicionais dos participantes”.

Para o estabelecimento de uma relação comunitária, não seria suficiente que vários sujeitos se apropriassem de um determinado “sentimento”; seria necessário compartilhá-lo. “É apenas quando este sentimento leva à orientação mútua de sua ação reciprocamente referida, que a comunidade surge entre eles” (idem, 80).

É apenas com o surgimento de diferenças conscientes, em relação a terceiros, que o fato de dois indivíduos falarem a mesma língua e compartilharem de uma situação comum pode levá-los a experimentar um sentimento de comunidade e a criar modos de organização social conscientemente baseados na participação de uma língua comum (WEBER, 2002, p. 80).

Em linhas gerais, “comunidade significa entendimento compartilhado do tipo ‘natural’ e ‘tácito’”, como explica Zygmunt Bauman (2003:17). Esse entendimento compartilhado aparece, na obra desse autor, em contraposição à idéia de consenso, que seria uma negociação entre partes ideologicamente distintas. Entendimento ocorre de forma quase natural, sem que os indivíduos percebam que compartilham de idéias semelhantes. Já o consenso estaria associado à sociedade em termos amplos: um conjunto de sujeitos e contextos heterogêneos que precisam negociar para obterem uma mínima harmonia.

No entanto, essa comunidade “ideal”, em que os indivíduos sentem-se seguros e, por isso, confiam nos demais, tem desaparecido na medida em que as sociedades se modernizam e perdem o caráter comunitário. O mundo globalizado exige uma convivência “harmoniosa” entre indivíduos que não concebem as relações sociais igualmente. As sociedades modernas, portanto, trazem o desentendimento e vão de encontro ao ideal de entendimento compartilhado, próprio das comunidades pré-capitalistas.

⁴ O termo “Aldeia Global” foi cunhado por Marshall McLuhan para designar as contradições presentes nas expressões do local imersas em um mundo cada vez mais global.



A sociedade moderna não permite aos sujeitos uma “imersão ingênua” na complexa estrutura social, nos relacionamentos entre os indivíduos. Segundo Bauman, imersão ingênua estaria associada às comunidades anteriores ao período moderno.

Dessa forma, pode-se considerar que o conflito vivido pelos moradores do Pantanal ao tentar construir sua própria imagem está nesse ponto: a comunidade teve uma formação peculiar, como será visto mais adiante; nasceu de uma ocupação, construiu sua própria estrutura física quase sem apoio público, lutou por direitos básicos e, assim, foi “forçada” pelas circunstâncias a se unir, viver harmoniosamente e tornar-se uma comunidade.

No entanto, essa comunidade está inserida em um contexto moderno de cidade, de urbanização, desigualdades, exclusão social e criminalidade. É o conflito entre o “de dentro” e o “de fora” que se estabelece nessa relação entre a comunidade e a cidade, entre o “reduto” e o “inchaço urbano”. É um novo conceito de comunidade que se estabelece.

Construir uma identidade coletiva para o bairro torna-se um conflito constante, devido ao grande fluxo de informações a que estamos submetidos na contemporaneidade. Nesse processo de construção de idéias sobre nós mesmos, estão em disputa e em constante confronto sujeitos com propósitos, concepções diferentes e, muitas vezes, opostos.

Stuart Hall (2002) enumera três concepções distintas sobre identidade, uma se sobrepondo à outra, saindo do “indivíduo totalmente centrado” do Iluminismo e ganhando destaque na medida em que o capitalismo avançou e tornou o mundo globalizado. As concepções de identidade enumeradas pelo autor são as do:

a) sujeito do Iluminismo, b) sujeito sociológico e c) sujeito pós-moderno. O sujeito do Iluminismo estava baseado numa concepção da pessoa humana como um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades da razão, de consciência e de ação, cujo centro consistia num centro interior [...] A noção de sujeito sociológico refletia a crescente complexidade do mundo moderno e a consciência de que este núcleo interior do sujeito não era autônomo e auto-suficiente, mas era formado na relação com “outras pessoas importantes para ele”, que mediavam para o sujeito os valores, sentidos e símbolos – a cultura – dos mundos que ele/ela habitava [...] A identidade, nessa concepção sociológica, preenche o espaço entre o “interior” e o “exterior” – entre o mundo pessoal e o mundo público. (HALL, 2002, p. 10 e 11).

Na modernidade tardia, como explica Hall, os sujeitos passaram a ser “fragmentados”, compostos de “várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas”.



Esse processo produz o sujeito pós-moderno, conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. (HALL, 1987, apud HALL, 2002, p.12 e 13).

É interessante reconhecer que, ao mesmo tempo em que o mundo globaliza-se, uniformiza-se, os sujeitos tornam-se fragmentados. Eis um dos grandes paradoxos do mundo tardo-moderno. Com o desenvolvimento tecnológico e os ideais modernos de globalização, as mídias, cada vez mais difundidas pelo mundo, possuem um papel fundamental para a propagação de identidades globalizantes. Por sua vez, elas estão em constante conflito com outras identidades locais / regionais.

3. Histórico e objetivos da ONG Instituto de Desenvolvimento Social (IDS)

É num contexto de preocupação com a imagem da comunidade que surge no Pantanal, em 1999, o Instituto de Desenvolvimento Social (IDS). A entidade é uma Organização Não-Governamental (ONG) que desenvolve projetos sociais dentro da comunidade do Pantanal⁵. A missão dos projetos da ONG, definida a seguir pelo próprio IDS, é: “Promover o desenvolvimento social e cultural, integrando o ser humano em harmonia com o meio em que vive, trabalhando a cidadania e auto-estima para uma melhor qualidade de vida”.

O atual e mais importante projeto desenvolvido pela ONG é a TV Janela. Ele surgiu em 2004 e capacita, por turma, vinte adolescentes do bairro, entre quinze e dezessete anos, para a produção de material audiovisual que “retrate” aspectos positivos da comunidade. Cada turma produz seis vídeos, que são exibidos em telão montado na rua e aglutinam cerca de 300 pessoas por apresentação. As exibições ocorrem uma vez por mês, no sábado à noite. Em 2007, o IDS está capacitando a terceira (no turno da tarde) e a quarta (no turno da manhã) turma do projeto. A produção audiovisual do TV Janela é descrita pelo IDS como:

Documentário da história da comunidade, um documentário sobre o movimento cultural, um vídeo-clipe com música de autoria das pessoas da comunidade e uma reportagem de rua sobre o cotidiano da comunidade (temas de interesse público), mostrando sempre as experiências exitosas para elevação da auto-estima das pessoas, produzindo temas de interesse da comunidade.

⁵ Há, no bairro, um conflito bastante acentuado com relação ao nome do local. No entanto, optamos pela maior utilização da expressão “Pantanal”, por respeito ao IDS, que é contrário à mudança de nome.



O objetivo da TV Janela, portanto, é (re) contar a história da comunidade, evidenciando novas abordagens através dos vídeos. Além de incluir os adolescentes envolvidos nas produções no âmbito da comunidade, o IDS promove uma inclusão dos adolescentes no mercado de trabalho, já que muitos dos jovens produtores ingressam no mercado do audiovisual cearense após o projeto.

A história do Instituto de Desenvolvimento Social (IDS) confunde-se com a própria história do Pantanal, dos fundadores da entidade e com o contexto das ONG's e projetos de vídeo popular espalhados pela cidade desde a década de 1980. Dessa forma, é importante inserir o IDS em um contexto histórico amplo para se compreender seus propósitos. O IDS foi fundado por moradores da própria comunidade, mas com o apoio de profissionais cearenses ligados às áreas do audiovisual, da comunicação comunitária e de áreas afins, como filosofia e antropologia.

Politicamente, a proposta da TV Janela é de mostrar aspectos positivos do bairro. Dessa forma, propõe um contraponto ao discurso hegemônico da mídia convencional.

O IDS descreve a produção audiovisual da TV Janela como “documentário da história da comunidade, um documentário sobre o movimento cultural, um vídeo-clipe com música de autoria das pessoas da comunidade e uma reportagem de rua sobre o cotidiano da comunidade (temas de interesse público), mostrando sempre as experiências exitosas para elevação da auto-estima das pessoas, produzindo temas de interesse da comunidade”.

4. Estudo comparativo entre o olhar da comunidade e o olhar dos vídeos

O estudo comparativo é, finalmente, a essência desta pesquisa, de caráter qualitativo. A proposta é de comparar a opinião, acerca do Pantanal, dos moradores não envolvidos com lideranças (desvinculadas de associações comunitárias e de partidos políticos) com as representações da comunidade apresentadas pelos vídeos produzidos pelo IDS. Em ambos os casos, estamos falando de discursos (re) formulados por moradores da mesma comunidade, mas forjados sobre bases, hipoteticamente, diversas.

Por um lado, os moradores entrevistados, em sua rotina atribulada e repleta de conflitos pessoais e sociais (como qualquer outro sujeito imerso na sociedade contemporânea), estão menos dispostos a refletir constantemente sobre suas relações comunitárias e acabam por (re) produzir discursos próprios do senso comum. Por outro,



os líderes comunitários e grupos engajados politicamente (muitos, preocupados com os rumos que, principalmente, os veículos massivos de comunicação têm tomado), percebem na mídia comunitária a possibilidade de um novo olhar sobre as periferias. Claro que os limites entre um grupo e outro não são tão precisos assim. Trata-se de uma hipótese repleta de particularidades.

Para a coleta dos dados, foram realizados dois grupos focais, um de adultos e outro de jovens (para a composição do primeiro *corpus*) e selecionados vídeos do projeto TV Janela (para o segundo *corpus*). Utilizamos análise de discursos tanto para a análise dos dados coletados nos grupos focais, como para os coletados nos vídeos.

No grupo de jovens, estiveram presentes sete pessoas, todas estudantes do Colégio Liceu do Pantanal, que, fundado no final de 2006, iniciou suas atividades letivas apenas em 2007. O grupo, reunido na própria escola durante uma hora e meia, foi composto por cinco mulheres e dois homens (Bruna, de 16 anos; Marta, de 15; Ana, de 14; Marcelo, de 19; Glauber, de 23; Ticiania, de 14; e Cristiane, de 16)⁶. Entre os adolescentes entrevistados, pode-se perceber um perfil bastante heterogêneo no que concerne à relação deles com a comunidade.

No grupo de adultos, também estiveram presentes sete pessoas, todas integrantes de algum grupo ou comunidade da Igreja Católica do bairro. O grupo, reunido na sala de reuniões da Igreja Católica durante duas horas e meia, foi composto por cinco homens e duas mulheres (Edvaldo, de 42 anos, natural da cidade de Quixadá; Armando, 40, natural de Aracoiaba; João, 50, natural de Capistrano; Eduardo, 49, natural de Canindé; Mário, 64, natural de Baturité; Regina, 56, natural de Ipu; e Aurora, 57, natural de Camocim)⁷. Nenhum deles nasceu em Fortaleza, o que mostra a procedência imigrante da maioria das pessoas que ocuparam a região sul da cidade, na década de 80.

Todos eles moram em casas próprias e chegaram à comunidade na década de 1990; uns logo no início (João, Eduardo e Regina chegaram em 1990; e Mário, em 1991), e outros após a Chacina do Pantanal, de 1993 (Armando, em 1995; Edvaldo, em 1996; e Aurora, em 1998). Quase todos vieram do interior do Estado para Fortaleza na década de 1980 e, inicialmente, moraram em bairros adjacentes ao Pantanal. Com a notícia da ocupação e, em seguida, da venda de terras por um preço acessível, esses moradores mudaram-se para o local e passaram a manter relações de muita proximidade com a comunidade, devido à “missão” evangelizadora.

⁶ Todos os verdadeiros nomes foram ocultados como forma de preservar a identidade dos adolescentes.

⁷ Todos os nomes dos adultos também são fictícios.



Em ambos os grupos, a maioria dos moradores revoltou-se ao ouvir a nomenclatura “Pantanal”, principalmente os adolescentes. Nesse grupo, o desconforto foi tamanho que foi preciso perguntar, logo de início, como cada um preferia que fosse denominado o bairro. No grupo de adultos, aparentemente, a revolta de Eduardo com relação à antiga nomenclatura pareceu inibir as opiniões discordantes.

Marcelo discorda de Ticiania: “Eu conheci Pantanal, vai morrer assim”, um discurso próximo do posicionamento do Movimento Viva Pantanal⁸, preocupado com as “raízes”. Vale ressaltar que Marcelo parece ser o mais engajado politicamente, citando pessoas do movimento estudantil universitário como sendo de seu ciclo de amizades. Ticiania rebate a opinião do colega: “É porque, quando tu morava aqui, ainda não era urbanizado”. Já o posicionamento da adolescente é muito semelhante ao da Acodehs (“[...] Você estava tachado como mais uma favela [...] Isso não era verdade [...] Nós já tínhamos condições de ter infra-estrutura”, como diz o presidente dessa associação, em entrevista concedida durante a pesquisa).

_ “Pantanal” já tá falando tudo. Geralmente, quando eu tô no bate-papo, Internet, essas coisas, tem vezes que eu falo assim “Eu moro no Pantanal”. [Significa] “Favela, periferia”, já vem logo na cara que é favela. Então, eu falo “Planalto Ayrton Senna” pelo fato de... Sei lá, pra mudar o bairro (Ticiania, do grupo de jovens).

_ E por que muda? Não é o mesmo bairro? (entrevistador).

_ Pela própria definição: o que é o pantanal? É um pântano. Aí o pessoal diz logo: lá só tem bicho (Marcelo, nessa hora, complementa Ticiania, contrariando, de certa forma, seu posicionamento anterior).

_ A idéia é de uma favela (Ticiania).

O posicionamento da maioria dos adultos que participou do grupo focal é o seguinte: Pantanal é uma coisa que ficou no passado, na memória. Foi o início, a construção, quando a comunidade era improvisada, aspirante à categoria de bairro. Quando se tornou bairro (e quem ditou a data exata dessa transformação parece ter sido a Acodehs), precisou ganhar um nome. Ora, não tínhamos um nome! Tínhamos apenas um apelido: Pantanal. Agora, o negócio é sério, vai ter registro na Prefeitura e tudo mais. Quando a gente vai registrar o nosso filho, a gente não coloca nele um apelido, muito menos um termo pejorativo como “Pantanal”, uma referência a matagal, a coisa pantanosa.

⁸ Esse movimento reuniu cerca de 25 entidades contrárias à mudança de nome. A justificativa foi a “perda da identidade” e da história da comunidade do Pantanal. Ver capítulo um.



Pra mim, Pantanal e Ayrton Senna é igual. O povo aqui é maravilhoso. Pra mim, não faz diferença. Agora, faz uma diferença, com certeza: hoje em dia é bairro, hoje tem um respeito muito grande, porque passou de município [provavelmente, ele quis dizer “comunidade”] pra bairro, é diferente [há uma forte contradição no discurso de João]. E Pantanal, digamos assim, é uma palavra que lembra matagal. Então pra mim, faz diferença, porque esse bairro tem um nome, e esse nome é Planalto Ayrton Senna [...] Eu digo que moro no “antigo Pantanal”, mas que agora é “bairro Planalto Ayrton Senna”. Eu não vou dizer [por vergonha]: “Não, eu não conheci o Pantanal”... Se eu trabalhei no Pantanal desde a invasão!... [no discurso de João, percebe-se uma auto-afirmação de morador desse bairro] (João, do grupo de adultos).

Quando eu cheguei aqui no Pantanal, não tinha nada, era tudo na base da vela, na base da lamparina. E hoje é um bairro, talvez um bairro rico. Antes, não tinha nada, e hoje tem muita coisa, muita loja, todo dia... Qualquer hora do dia que você chegar aqui, num mercadinho, você compra, não tem hora marcada pra você comprar. E eu tô aqui, no Pantanal, faz dezesseis anos e é um lugar muito bom, muito bonito [...] Na época, era Pantanal, agora mudou, é Planalto Ayrton Senna [...] Antes de vir pra cá, eu morava num sítio, trabalhava o dia todo, até sábado. Se eu não construísse aqui, eu perdia [o terreno]. Quando era de noite, eu trabalhava aqui [construindo sua casa]. Eu fiz a minha casa com água de sabão: o pessoal lavando roupa e eu aproveitando a água. Tinha a ajuda do meu sogro, ajuda dos amigos... [Mário, do grupo de adultos, emociona-se ao lembrar das dificuldades enfrentadas no início. Os demais se solidarizam e agradecem a Deus pelas conquistas da comunidade].

É difícil de reconhecer quando os adultos, ao falarem de “mudança”, referem-se a uma mudança do espaço e das pessoas ou quando se referem à mudança de nome, ou até mesmo da passagem da condição de comunidade não-oficial para a de bairro oficializado. Talvez, os três sentidos tenham sido confundidos durante o próprio plebiscito, que convocava os “eleitores” utilizando a frase: “Vote para mudar ou manter o nome do bairro”. A frase, proferida pela Acodehs na comunidade e nas mídias no contexto do desejo de mudança da comunidade, de quebra de preconceito, representava não só a oficialização do bairro, mas também, o fim do estigma de bairro violento e miserável. Representava o fim de uma denominação pejorativa, associada à Chacina do Pantanal, a um passado, agora, tão remoto.

Em uma nota à comunidade, a Acodehs propagava suas idéias: “Amigo, chegou a hora de dizer não ao abandono, esta é a nossa vez de dá cara nova ao nosso bairro [alusão indireta à mudança de nome]. Mudar de nome é o que menos importa sabemos disso [contraditoriamente, há uma referência direta à indiferença com relação ao nome]. Mas viver no LIXO, na LAMA, sem SEGURANÇA, sem ESCOLAS, não é justo. Com o seu voto diremos aos governantes o quanto estamos abandonados” [sic]. Se mudar de nome pouco importava, porque, então fazer um plebiscito, para escolher o nome? Afinal, estigmatizado ou não, a comunidade (ou o bairro) já possuía um nome.



Para a análise dos vídeos da TV Janela, dentre os diversos vídeos já produzidos (ao todo, o projeto já soma 25 vídeos), selecionamos quatro, cujos quadros pinçados para análise foram três Observatórios da Comunidade; dois documentários sobre profissionais do bairro, três sobre aspectos históricos do local e outros três documentários sobre a história de ruas.

Consideramos os quadros selecionados os mais próximos do nosso objetivo de analisar as representações apresentadas pelos vídeos sobre a comunidade. Afinal, o quadro Observatório da Comunidade aborda questões polêmicas e pede aos moradores, nas ruas, que dêem sua opinião; os documentários sobre os profissionais mostram uma outra imagem dos moradores, a de trabalhador; e as histórias das ruas são contadas por pessoas que moram nelas e são contextualizadas no âmbito comunitário.

Estamos considerando que, assim como qualquer mídia, a TV Janela possui suas ideologias e, por isso, não alcança o ideal positivista da imparcialidade. O fato de não haver a figura do informador oficial da TV Janela nos vídeos pode causar uma interpretação ingênua, de que se trata da mais pura opinião comunitária. Assim, os únicos informadores parecem ser a própria comunidade, já que é sempre ela que nos fala em documentários, quadros opinativos, clipes musicais.

A TV Janela, nessa perspectiva, parece funcionar como um mero espelho social, que reflete a comunidade tal qual ela é. No entanto, esse espelho é tão deformador quanto os demais (cada um pela sua ótica ideológica). Exerce uma função mímica, como qualquer outro ator social que tenta transpor, utilizando aqui os termos de Charaudeau (2006), o “mundo a significar” (a descrever, a comentar) para o “mundo significado” (descrito, comentado) através da linguagem. Nessa transposição, vão-se valores, vão-se ideologias.

Em grande parte dos casos, por exemplo, os moradores entrevistados para documentários são os mais antigos (possuem raízes mais firmes e laços afetivos com a comunidade) ou os que possuem relações amistosas com a entidade. Mas essas informações não aparecem explicitamente nos vídeos e, portanto, os moradores parecem ser, realmente, entrevistados ao acaso. Claro que há moradores realmente anônimos, aqueles de quem os entrevistadores desconhecem até o nome. Não podemos esquecer, também, do processo de edição, que seria o principal modelador da realidade. Esse aspecto será visto mais adiante.

Nos quadros selecionados, de modo geral, ou as pessoas não são identificadas, ou seu nome e profissão só aparecem no final da narrativa, após ela ter contado sua



história profissional, que pode ser a história profissional de qualquer outro morador que trabalhe na mesma área profissional. No caso do quadro sobre as profissões, a ênfase audiovisual é nos equipamentos utilizados pelos personagens no processo de produção, no produto final do seu trabalho e na sua voz.

Há uns cinco anos atrás, eu comprei a minha primeira maquininha e comecei costurando fazendo cuecas. Depois tava fraco e eu comecei a fazer outro tipo de peça. Na segunda-feira, eu acordo às duas da manhã pra fazer uma feira pertinho do mercado, Mercado Central. É um local muito disputado, acredito que uns 200 vendedores, né, dividem a praça. Aí se você não chegar cedinho pra arranjar um cantinho pra você trabalhar, você não encontra. Tem dia que eu tou muito cansada. Tenho que sair daqui meio-dia, dormir um pouco e tar voltando três, quatro horas da tarde, porque não agüenta. Eu também não posso ter um quadro de funcionários grande, né, porque aí uma coisinha pequena com tanta gente, eu vou fazer o quê? Hoje eu corto, mando pras facções e faço poucas peças aqui. (Dona Marta no documentário “Corte e costura”, do vídeo Especial Mulheres).

O nome dos documentários faz alusão à profissão e não ao profissional (“Corte e costura”, sobre uma costureira; “Bate e esquenta”, sobre um ferreiro; e “Arte em palha”, sobre uma artesã da palha). Dessa forma, mostra-se aos espectadores dos vídeos que eles poderiam muito bem estar ali, do outro lado da telinha, contando sua história no lugar daquele que foi entrevistado. O personagem selecionado não é mais importante do que os demais moradores. Dessa forma, fontes de informação e audiências possuem o mesmo potencial tanto de aparecer nos vídeos, como de assisti-los.

Nos vídeos, percebe-se o interesse do IDS de mostrar que o êxito alcançado pelo personagem representa a vitória, ou a possibilidade de vitória, de qualquer morador. No entanto, ao mesmo tempo em que esse discurso conota uma preocupação com a coletividade, ele está incutido de individualidade; afinal, esse êxito é individual, dá-se através do trabalho pessoal, das conquistas da casa própria, do emprego, do estudo etc. Não estamos, através dessa análise, desconhecendo o aspecto humano dos documentários: eles tratam o morador na sua subjetividade, em suas peculiaridades, e não como apenas mais um indivíduo de uma massa amorfa e estereotipada. O morador tem seus valores, suas opiniões, suas habilidades; cada qual possui seus predicados, reconhecidos pela TV Janela.

Nos quadros abaixo, verificamos as principais comparações que detectamos entre os discursos dos moradores adultos, dos moradores jovens e dos vídeos da TV Janela:



Comparações entre os discursos dos jovens, dos adultos e da TV Janela

	Início da comunidade	Atualidade	Juventude	Pantanal
Jovens	Indiferentes. A união foi uma estratégia de sobrevivência como indivíduos	Individualismo, despolitização, desigualdades econômicas (trabalho individual de cada um)	Contraditórios: Vagabundos, não aproveitam as oportunidades <i>versus</i> não possuem oportunidades e lazer	É o preconceito: pântano, marginalidade, favela
Adultos	Luta, união e trabalho	Individualismo, desigualdades sociais (busca de benefícios individuais)	–	É o passado: as lutas, mas também os preconceitos
TV Janela	Luta, união e trabalho	Pessoas felizes, trabalhadoras e vitoriosas	Contraditórios: o jovem tem vez e voz (discurso da TV Janela) <i>versus</i> o jovem não tem oportunidades ou é displicente (discurso dos entrevistados)	É a nossa comunidade, repleta de histórias e conquistas

	Planalto Ayrton Senna	Relação moradores	Violência	Preconceito	Orgulho
Jovens	Bairro desenvolvido economicamente, mas subdesenvolvido social e politicamente	Egoístas (âmbito econômico)	Bairro violento, como qualquer outro	Ainda existe	Negação do bairro
Adultos	Bairro oficial. Desenvolvido economicamente, mas subdesenvolvido social e politicamente	Egoístas (âmbito econômico e político)	Bairro violento, menos que outros	Morreu junto com a nomenclatura “Pantanal”	Auto-afirmação como morador do Planalto Ayrton Senna
TV Janela	Nenhuma referência a esse nome. Afinal, apesar de oficial, ele não é legítimo	União, solidariedade	Há, mas é exceção (não vale a pena comentar)	Estamos vencendo essa barreira	Auto-afirmação como morador do Pantanal



5. Considerações finais

Pelo quadro acima, percebemos que nem todos os posicionamentos identificados nos grupos focais são contemplados pelas “vozes” destacadas pela TV Janela. É o caso do posicionamento com relação à mudança de nome. A nova nomenclatura é, simplesmente, omitida dos vídeos, o que representa um posicionamento político da direção do IDS. Sendo os integrantes do IDS moradores da comunidade e fazendo eles entrevistas com pessoas que, de fato, moram no bairro, a TV Janela realmente capta algumas das opiniões e aspirações dos moradores, mas nem todas elas estão contempladas. Aspectos como violência são apenas citados, sem que nenhum dos vídeos aponte para o problema em si e sua solução.

Mais que união e solidariedade entre os moradores, existe, nos vídeos, um desejo de que a comunidade se encaixe em um imaginário antigo de generosidade, tão antigo quanto a história das lutas, da união em mutirões, das reivindicações por políticas públicas. O individualismo econômico e político, apontado pelos grupos focais, não são reconhecidos (e sim, omitidos) pelos vídeos. É como se o nome que ainda vigora, Pantanal, fizesse vigorar o imaginário de união e solidariedade. Se os vídeos contrariassem esse imaginário, muito provavelmente contrariaria a própria denominação “Pantanal”. Reconhecer que a comunidade não é mais a mesma seria reconhecer que ela não é mais o mesmo Pantanal.

No entanto, a permanência desejada pelos vídeos é de um “sentimento de comunidade”. Com relação a outras mudanças, o IDS as reconhece e até as enaltece. É o caso do desenvolvimento alcançado devido às antigas lutas: água, luz, transporte público, asfalto. A melhoria individual de vida também é enaltecida pelos vídeos, sem que isso remeta a um egoísmo. Há uma percepção de que, naturalmente, as pessoas devem lutar por melhorias de vida através do trabalho. Já grande parte dos jovens entrevistados acredita que essas lutas individuais acabam ocasionando uma desigualdade econômica dentro do bairro.

Em suma, os moradores consideram a comunidade “individualista” em sua vontade de ascensão, em contraposição ao desejo do IDS de que o desenvolvimento do bairro seja associado às antigas união, solidariedade e reivindicações travadas pelos primeiros moradores, ainda no início dos anos de 1990, quando a população ocupou a região e se denominou como Pantanal. Dessa forma, mais do que “a voz da comunidade”, a TV Janela representa um estímulo à união, solidariedade e auto-estima.



6. Referências bibliográficas

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

_____. **Comunidade – a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das Mídias**. São Paulo: Contexto, 2006.

FESTA, Regina. Comunicação popular e alternativa no Brasil; SILVA, Carlos Eduardo Lins da (orgs). **Comunicação popular e alternativa no Brasil**. São Paulo: Paulinas, 1986.

GOFFMAN, Erving. **Estigma – Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1988.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

_____. **Da Diáspora – Identidades e Mediações Culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2003.

PAIVA, Raquel. **O espírito comum: comunidade, mídia e globalismo**. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

PERUZZO, Cicília Maria Krohling. **Comunicação nos movimentos populares – a participação na construção da cidadania**. Petrópolis: Vozes, 1998a.

_____. **Mídia comunitária**. Revista Comunicação e Sociedade, nº 32. São Bernardo do Campo: Umesp, 1998b.

SANTORO, Luiz Fernando. **A imagem nas mãos – o vídeo popular no Brasil**. São Paulo: Summus, 1989.

WEBER, Max. **Conceitos básicos de sociologia**. Centauro: São Paulo, 2002.